

OS SABERES DIÁRIOS NUMA AUTORREFLEXÃO COLETIVA SOBRE A PRÁTICA DOCENTE

Maria da Conceição Fernandes de França¹

RESUMO

Quando a prática docente acontece tendo em sua didática instrumentos metodológicos cuja abordagem está *para* e não *com* o aluno, devemos questionar o que se espera de uma pedagogia em que prevalecem metodologias centradas no protagonismo do professor e pouca adesão quanto à implementação de uma didática inovadora que coloque o aluno no cerne do processo de desenvolvimento da aprendizagem e da formação enquanto sujeitos ativos. Será que as nossas escolas estão libertas das amarras do sistema da educação bancária, enquanto conceito discutido por Paulo Freire? Estão, os nossos professores ainda reproduzindo em suas práticas a cultura de uma educação tradicional, conservadora e sem se preocupar com o aluno enquanto sujeito construtor da sua própria autonomia? Este estudo se dá através da pesquisa-ação que pauta na autorreflexão coletiva, com base na experiência enquanto suporte pedagógico numa escola pública da educação básica, a partir dos encontros pedagógicos e das vivências diárias no chão da escola, sobretudo, buscando compreender como os professores e as professoras desta escola aplicam em suas práticas as discussões pautadas à luz da pedagogia da autonomia. Embasado nas leituras e reflexões trazidas por autores como Freire, Arroyo, Cortella, Rios, entre outros, traz o propósito de provocar um novo olhar para a educação e para a necessidade de revisitarmos as nossas práticas docentes e nos percebermos enquanto agentes responsáveis pela condução dos mecanismos que deverão ser explorados por nossos alunos num caminho que aponte para a transformação do seu contexto e da sua vida. Pois, o que vemos ainda é a teoria desconexa da prática, em discursos que não se solidificam quando na execução das ações nos espaços escolares. É preciso nos desnudarmos de discursos que não estão alinhados com a ação-reflexão-ação, indispensável para a efetivação de uma educação libertadora.

Palavras-chave: Educação básica, Prática docente, Processos metodológicos, Pesquisa-ação, Autorreflexão.

INTRODUÇÃO

A atividade docente vem se modificando com as transformações constantes nos cenários sociais e educacionais. A escola configura-se hoje como um ambiente totalmente diverso e plural, sob o ponto de vista do público estudantil. Não vemos mais alunos e alunas irem para a escola somente em busca de aprender teorias e acumular habilidades técnicas, mas buscam que a escola seja um espaço do diálogo aberto, dos desabafos das inquietações inerentes às suas idades em processo de descobertas e de construção de si, lugar de acolhimento. Buscam encontrar em seus professores e professoras práticas que permitam não achar respostas prontas ou vazias, mas a mediação de caminhos que permitam o direcionamento para aquilo que seja significativo nas suas vidas. Práticas docentes que estejam disponíveis para a escuta e que

¹ Mestra em educação, suporte pedagógico na educação básica do Estado do Rio Grande do Norte, professora da Universidade Potiguar – UnP. naidefernandes@gmail.com

tenham um olhar na dimensão do aluno enquanto um sujeito que se faz e se refaz na dinâmica dos processos históricos, sociais e culturais. É importante que a formação seja vista como algo que provoque nos professores a aquisição de habilidades e competências para o fazer docente enquanto ofício de quem tem a responsabilidade de ensinar, mas que também desperte nestes a capacidade de serem sensíveis aos comportamentos que manifestam as subjetividades dos alunos, como as emoções e os sentimentos que correspondem à condição humana.

Nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheada, de um lado, do exercício da criticidade que implica a promoção da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica, e de outro, sem o reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade, da intuição ou adivinhação. (FREIRE, 1996, p. 45)

Através das pesquisas bibliográficas acerca dos temas relacionados à formação de professores e professoras, bem como no cruzamento das teorias com as práticas realizadas no cotidiano do chão da escola, a partir da observação diária na relação entre professor e aluno nos espaços escolares, surge este estudo na direção metodológica da pesquisa-ação, tendo como sujeitos centrais professores e alunos de uma escola do ensino fundamental – anos finais, da rede pública de ensino, em que desempenho a função de supervisora pedagógica há mais de um ano. A partir da autorreflexão coletiva, tem como objetivo compreender como os professores e as professoras da escola aplicam em suas práticas mecanismos pedagógicos que permitam e promovam o protagonismo dos estudantes, na perspectiva de construção da sua autonomia e de intervenção no mundo em que vivem.

Para Freire (1996), a intervenção no mundo acontece quando o sujeito se insere nele e se percebe não como objeto ajustável, mas capaz de provocar mudanças a partir da sua atuação na história.

O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas *objeto*, mas sujeito também da História. (FREIRE, 1996, p. 54)

Busquei as referências que exploram os temas relacionados à formação de professores e professoras, suas práticas e a postura que se espera destes no contexto escolar. Os estudos atuais revelam a necessidade de ajustes, adaptações ou modificações nas práticas, diante das transformações na sociedade. No entanto, não serve somente apontar tais mudanças se isso não sugerir a autorreflexão em cada um e cada uma presente neste processo formativo.

Nessas constantes transformações surgem os conflitos estruturais, sociais que impactam diretamente no exercício da prática docente. No entanto, os conflitos apresentados no comportamento dos alunos têm sido os mais preocupantes para os professores, gestores e toda a comunidade escolar, que na maioria das vezes não sabem como lidar com as situações que são vistas como problemas ou obstáculos para a *normalidade* dos processos. Mas, não serão exatamente os conflitos ou os problemas que nos impulsionam e até nos obrigam as reflexões? Penso que as mudanças só são alcançadas se evidenciamos os entraves e nos debruçamos sobre as possibilidades de superarmos coletivamente.

A reflexão não se dá aleatoriamente. Ela é provocada por *questões-limites*, por problemas. Deparamo-nos com inúmeros obstáculos em nossa vivência das situações em que nos encontramos. Só alguns deles, entretanto, merecem a denominação de *problemas* – são aqueles que têm uma significação especial em nossa perspectiva existencial e precisam ser tirados de nosso caminho. Esse “tirar do caminho” um obstáculo tem sido chamado de a *solução* do problema. Entretanto, se analisarmos bem, verificaremos que os problemas não sofrem uma solução, não são “solvidos”, não são solúveis. Eles são *superáveis*, devem ser superados. (RIOS, 2010, p. 47),

Corroborando com o pensamento da autora citada, Freire (2013) chama a atenção para o papel da educação no sentido de disponibilizar meios que despertem o pensamento crítico frente aos processos constantes de transição em que passa a nossa sociedade.

O que teríamos de fazer, numa sociedade em transição como a nossa, inserida no processo de democratização fundamental, com o povo em grande parte emergindo, era tentar uma educação que fosse capaz de colaborar com ele na indispensável organização reflexiva de seu pensamento. Educação que lhe pusesse à disposição meios com os quais fosse capaz de superar a captação mágica ou ingênua de sua realidade, por uma predominantemente crítica. (FREIRE, 2013, p. 139)

Arroyo (2014) reforça os pensamentos dos autores acima citados, quando enfatiza as mudanças nos padrões morais e sociais e de como isso tem provocado nas instituições o questionamento sobre a necessidade destas estarem abertas para que consigam dar conta de suas demandas ou não conseguirão apresentar evolução naquilo a que se propõem ou que devem cumprir enquanto função social.

Durante décadas os padrões morais e sociais mudaram, e as instituições teimaram em continuar as mesmas? As crianças, adolescentes e jovens mudaram, e as famílias, as igrejas, as escolas seguiram as mesmas? Quando os padrões sociais, morais, mudam, as instituições sociais são questionadas a se abrirem. E as escolas? (ARROYO, 2014, p. 34)

Na função de supervisora pedagógica assumo o papel de articular a relação entre teoria e prática no desempenho das atividades realizadas pelos professores, sobretudo, verificando como essa relação aparece no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, seja na dimensão da escolarização quanto no aspecto da formação humana enquanto sujeitos protagonistas e ativos em todo o processo educativo.

A partir daí e instigada pelas inquietações do que vivencio nas práticas e posturas de alguns professores, propus uma autorreflexão individual, em que disponibilizei um questionário dirigido e os convidei de forma voluntária para que pudessem voltar o olhar para si e para a forma como se enxergam na docência. Mediante rodas de conversa, a pesquisa se estendeu aos alunos no intuito de perceber como estes compreendem a função docente e como se percebem no processo de construção de saberes.

Mesmo não tendo a participação geral, o resultado foi suficiente para que possamos ter elementos que nos direcionem nas discussões e nas definições coletivas sobre o que é preciso intervir para garantirmos maior participação ativa dos alunos nas aulas e nos processos formativos, bem como mais engajamento dos professores nas dinâmicas e mudanças didáticas de seus fazeres pedagógicos.

METODOLOGIA

Para desenvolver o estudo, foi aplicada a metodologia da pesquisa-ação, pois esta permite que os sujeitos participantes analisem a sua própria prática, promovendo a reflexão crítica e a possibilidade de atuação interventiva no contexto explorado. A sua base empírica baseia-se na ação coletiva, em que os participantes são envolvidos de modo cooperativo.

Segundo Oliveira (2023),

A pesquisa-ação supõe uma forma de ação planejada de caráter social, educacional, técnico entre outros. A sua utilização como forma metodológica possibilita aos participantes condições de investigar sua própria prática de uma forma crítica e reflexiva. Nela estão envolvidos pesquisadores e pesquisados e todos estão envolvidos na solução de problemas e na busca de estratégias que visam encontrar soluções para os problemas. (OLIVEIRA, 2023, p. 01)

Desse modo, os professores foram convidados a pensarem sobre suas práticas e a apontarem as suas concepções através de um questionário eletrônico, com perguntas estruturadas. Os alunos foram organizados em rodas de conversas, em que fui conduzindo o diálogo coletivo pautando na verbalização dos discursos livres sobre como eles veem a forma

como os seus professores desenvolvem as suas práticas e como se dá a relação entre eles na sala de aula, de modo a buscar identificar se as ações mediadas pelos professores permitem o envolvimento direto dos alunos e se apontam para a promoção do protagonismo destes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados aqui apresentados são frutos das respostas dadas pelos professores e professoras em que imprimem as suas experiências e práticas com a docência, dos diálogos abertos com os alunos e alunas sobre os seus olhares e sentimentos para a forma como os seus professores conduzem as atividades em sala de aula e as relações que se fazem no convívio diário na escola entre quem ensina e quem aprende.

Após observações constantes e inquietantes no contato diário com professores e alunos, busquei construir estratégias em que pudesse obter algumas respostas, dando a oportunidade para que os atores centrais do meu ofício enquanto supervisora pedagógica as expressassem a partir de numa autorreflexão individual e nas discussões em grupos.

Organizado em oito itens, foi elaborado um formulário eletrônico com perguntas estruturadas para que os professores pudessem me dar as respostas que me dessem a dimensão para os questionamentos que eu fazia, com base nas leituras em Paulo Freire quando nos faz compreender que a educação sozinha não muda a sociedade. É preciso que aluno e professor construam uma parceria em que juntos reflitam sobre os seus papéis enquanto sujeitos sociais, e ao professor cabe a responsabilidade e o compromisso social de criar mecanismos para que o aluno se veja enquanto pertencente ao mundo e nele intervenha a partir de um olhar crítico e reflexivo sobre ele e sobre si mesmo.

De um total de dezoito professores, doze responderam ao questionário, o que considero satisfatório para as análises feitas. A primeira pergunta foi para saber há quanto tempo estão na docência na educação básica. O tempo maior foi de vinte e três anos e o mais recente de dois anos. Tempo também muito bom para dar condições de pensar as suas práticas, pois já acumulam uma experiência bastante significativa.

Quando pedido para descrever a dinâmica das aulas e quais recursos faz uso, a maioria utiliza em maior percentual a aula expositiva, aquela em que apresentam o conteúdo que está no livro didático aos alunos, alguns destes abre as discussões após explanarem o conteúdo. Neste item me chama a atenção para a resposta de uma professora em que descreve a sua aula da seguinte forma:

Quando se trata de leitura textual, costumo sondar previamente a temática com a turma, depois lemos coletivamente, instigo a interpretação de forma oral (discussão sobre o texto e compreensão textual) e só depois eles são induzidos a responder a atividade interpretativa do autor. Quando trabalho conteúdos linguísticos me amparo sempre no uso real da linguagem, buscando contextos dos próprios alunos/alunas como meio de análise. [...].

O destaque que faço na resposta da professora é que vai de encontro com o que apregoa a pedagogia da autonomia que vê o aluno como centro das práticas docentes e valoriza o seu contexto, a sua vivência. Outra forma bastante rica e interessante é o desenvolvimento de seminários temáticos que poucos professores dizem fazer com os alunos. Uma dinâmica que, segundo as experiências no campo da educação apontam, contribui em grande escala para a aprendizagem concreta do aluno, pois o aluno precisa assimilar bem o assunto para repassar para outras pessoas.

Outro ponto explorado pelo questionário foi sobre o que faz nas aulas para garantir a participação e o envolvimento dos alunos. Dentre as respostas estão rodas de leitura, recursos lúdicos, aulas teóricas e práticas, avaliação contínua, uso de tecnologias e mídias sociais, entre outras. Uma resposta em especial me chama a atenção quando a professora diz que aborda temas de interesse genuíno dos alunos, como por exemplo, os vídeos que esteja viralizando no momento ou as séries que gostem, como forma de criar uma interação criativa entre eles.

De que forma faz relação do conteúdo com a realidade? Suas aulas promovem o desenvolvimento da consciência crítica dos alunos? Todos responderam que sim, mas muitos não deram detalhes sobre como, efetivamente, isso acontece, pois as respostas foram do tipo *“procurando saber do dia a dia deles”*, *“dando exemplos práticos do seu cotidiano”*, *“dando espaço para fazerem questionamentos”*. Mas, outros responderam que pedem para que os alunos falem sobre as suas experiências de vida, exponham as suas opiniões ou ainda trazem exemplos da realidade para que os alunos relacionem com o que está sendo trabalhado e com a sua própria vida.

Como forma de provocar uma autoavaliação, foi perguntado qual nota daria para a sua metodologia de aula e se considera-se flexível para adaptações ou mudanças que forem necessárias para atender às demandas atuais dos alunos. A menor nota foi cinco e a maior nove. Sobre a flexibilidade, todos responderam que sim, estão abertos para as mudanças.

Ao ver as respostas neste quesito da possibilidade de mudanças, reporto aos estudos baseados nas leituras do Cortella quando diz que a flexibilidade é importante porque ela dá a oportunidade para que a pessoa mude sem perder as suas convicções e sem se perder no caminho.

Ser flexível é diferente de ser volúvel. Volúvel é aquele que muda por qualquer coisa, que não tem convicções, não tem raízes, aquele que balança de acordo com o vento. Por exemplo, é aquele que não tem clareza dos métodos pedagógicos que utiliza; alguém falou neste, ele adota, falou no outro ele adere também. Isso é ser volúvel. Já flexível é aquela pessoa que, por ter convicções, é capaz de alterar determinadas posturas sem perder a rota. É capaz, inclusive, de não ficar oscilando ao sabor de qualquer movimento. (CORTELLA, 2014, p. 33)

Por fim, foi perguntado aos professores quais os fatores que favorecem ou dificultam para que as aulas sejam mais dinâmicas. De forma unânime, todos apontam a deficiência ou falta de estrutura (principalmente a física), de recursos tecnológicos, como sendo o principal fator limitante para que desenvolvam aulas mais dinâmicas e agradáveis para os alunos. Curioso é que no meio dessa generalização da resposta, uma coisa me intriga é quando um professor diz que um dos fatores negativos é a “falta de interesse dos alunos”, mas não consegue detalhar como se dá essa falta. Será mesmo a falta isolada de interesse dos alunos um fator que não permite que as aulas sejam mais atrativas? Aqui trago uma afirmativa do Arroyo, quando considera que “[...] O que vem tornando as escolas e as salas de aula inadministráveis é o fato de terem piorado brutalmente as condições de viver a infância e a adolescência enquanto não melhoraram as condições de exercer a docência. Aí está o impasse”. (ARROYO, 2014, p. 39).

As rodas de conversas com os alunos se deram de forma coletiva e bastante diversa. Foram realizadas um total de cinco rodas de conversas com alunos e alunas de turmas e idades diferentes. Não havia um roteiro estruturado, mas os alunos foram instigados a relatarem espontaneamente como era a dinâmica das aulas, o que gostavam nas aulas, o que precisa para melhorar e como eles gostariam que fossem as aulas.

Disseram gostar da maioria dos professores, o dinamismo de suas aulas e que se sentem à vontade para conversar. No entanto, todos apontaram um professor em destaque como aquele que deixa as aulas pesadas, não renova a sua forma de dar aula, não tem um bom relacionamento com os alunos e sequer permite que conversem entre si. São sempre chamados de indisciplinados quando levam outros assuntos que não sejam sobre o conteúdo da aula e quando questionam a atitude do professor, são expulsos da sala. Respondem, ainda, que gostariam que o professor mudasse a sua metodologia, realizasse outros tipos de atividades mais práticas, como seminários e aulas de campo e fosse mais compreensivo com os alunos.

Aqui é pertinente uma afirmação do Arroyo: “Os alunos não são outros por serem indisciplinados, mas por serem outros como sujeitos sociais, culturais, humanos” (ARROYO, 2014, p. 34). Sobre a indisciplina, termo tão comum e tão usado na escola para definir ou estabelecer padrões de comportamento, como se os alunos não fossem sujeitos plurais ou sujeitos históricos e culturais que se constroem nas relações sociais em que vivem. É preciso

que os professores enxerguem e admitam que os alunos não são os mesmos, sobretudo, diferem de tudo aquilo que aprendemos sobre a infância como algo uniforme e generalizado. Os alunos são outros e são, acima de tudo, pessoas com as suas histórias que vão sendo contadas entre as dores e as alegrias de serem quem são.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao me deparar com todos os elementos discursivos que compõem este estudo percebo que ainda estamos distantes de dizer que a escola está pronta para assumir as demandas atuais da sociedade no que tange às questões que impactam diretamente na vida dos alunos.

A sociedade se modifica num dinamismo constante e é preciso apressarmos os passos para fazermos a caminhada de mãos dadas com os nossos alunos, no sentido de construímos caminhos prazerosos, estimulantes e que ampliem a visão destes sobre as suas realidades para que se vejam como partes fundamentais e necessárias para as transformações de suas próprias realidades, a partir das suas histórias pessoais.

Os conflitos estruturais e sociais precisam ser encarados como objetos de reflexão e de intervenção cooperativa, numa autorreflexão coletiva sobre a prática docente. A pedagogia da autonomia deve prevalecer no chão da escola. Aluno e professor são sujeitos de mundo e, por assim o serem, devem estar inseridos neste e atuando sobre aquilo que limite a nossa condição humana.

O estudo aqui não se encerra nas respostas apontadas pelos professores ou nos depoimentos dos alunos que denunciam a necessidade urgente de mudanças didáticas. Mas, reforça que é preciso o debate e a avaliação permanente sobre os processos de formação contínua e de reformulação das práticas.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G. *Imagens quebradas: Trajetórias e tempos de alunos e mestres*. Petrópolis: **Vozes**, 2014.

CORTELLA, M. S. *Educação, Escola e Docência: Novos tempos, novas atitudes*. São Paulo: **Cortez**, 2014.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: **Paz e Terra**, 1996.

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: **Paz e Terra**, 2013.



OLIVEIRA, E. Pesquisa-ação. Disponível em:
<<https://www.infoescola.com/pedagogia/pesquisa-acao/>> Acesso em: 10 nov. 2023.

RIOS, T. A. Compreender e Ensinar: Por uma docência da melhor qualidade. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2010.